

**LACUNA VOLUNTÁRIA NA CITAÇÃO DE UM TEXTO  
(À MARGEM DE UMA OITAVA CAMONIANA)**

**DELIBERATE LACUNA ON THE QUOTATION OF A TEXT  
(REFLECTION ON A CAMÕES' POEM)**

**BARBARA SPAGGIARI**

[bspaggiari@bluewin.ch](mailto:bspaggiari@bluewin.ch)

Centre International d'Études Portugaises (CIEP), Genève

<https://orcid.org/0000-0002-0781-0124>

Texto recebido em / Text submitted on: 09/02//2023

Texto aprovado em / Text approved on: 31/03/2023

**Resumo**

Um passo de Claudiano, de larga circulação entre o século IV e o Renascimento, ecoa numa oitava de Luís de Camões. Esse *makarismós* de antiga tradição sofreu uma mudança substancial no curso da sua transmissão. Com efeito, os três versos originais do autor latino deram lugar a uma redação voluntariamente reduzida, por causa da censura religiosa. Foi só na época humanista, com a renovação dos estudos filológicos, que o texto lacunoso teve a dita de ser reconstituído na sua integridade. Em todo este processo (censura e reconstituição) participaram nomes ilustres que vão de Santo Agostinho a Petrarca.

**Palavras-chaves:** crítica textual, transmissão de textos, lacuna voluntária, emenda *ope codicum*.

**Abstract**

A Latin maxim dating back to Claudianus echoes in a Luís de Camões' poem. This ancient *makarismós* has undergone a substantial transformation during transmission. Due to religious censorship, the three original lines were replaced by a shorter version. As a result of the philological renewal of Humanistic period

we are allowed to retrieve the original integrity. Such renowned personalities as St. Augustin and Petrarch have been involved in the process.

**Keywords:** textual criticism, textual transmission, deliberate lacuna or cut, *emendatio ope codicum*.

Na quinta estrofe das oitavas compostas por Luís de Camões em 1575 “à seta que o papa mandou a elRei Dom Sebastião”, lê-se a passagem seguinte:

O querido de Deos por quem peleja  
o ar também, e o vento conjurado,  
ao atambor acode por que veja  
que quem a Deos ama, he de Deos amado<sup>1</sup>.

No seu comentário, com a precisão habitual, Faria e Sousa<sup>2</sup> remete para a origem deste *makarismós* que, a partir do século IV e até ao Renascimento, percorreu um longo e atribulado caminho. Trata-se de um passo do panegírico de Claudiano *De tertio consulatu Honorii Augusti*, 96-98:

O nimium dilecte deo, cui fundit ab antris  
Aeolus armatas hiemes, cui militat aether  
et coniurati veniunt ad classica venti<sup>3</sup>.

Poeta da corte, comprometido na glorificação de atos e palavras do imperador Honório, Claudiano relata neste passo um evento extraordinário, que ocorreu a 6 de setembro do ano 394, durante a batalha do rio Frígido. Quando o imperador Teodósio estava prestes a sucumbir perante o inimigo, o vento gélido do nordeste soprou, repentino e impetuoso, contra os adversários, revirando as setas dos próprios inimigos contra eles mesmos.

---

<sup>1</sup> Cf. *Oit.* 3, 33-36, texto conforme à edição crítica de B. Spaggiari, que se encontra em preparação no âmbito do projeto do Centre International d'Études Portugaises de Genève para a edição crítica da obra de Luís de Camões. De assinalar que até ao momento presente já foram publicados cinco volumes e seis tomos: *Comédia de Filodemo* (ed. crítica de Maurizio Perugi, 2018); *Sonetti* (ed. crítica de Maurizio Perugi, 2020); *Redondilhas* (ed. crítica de Barbara Spaggiari, 2021); *Canzoni* (ed. crítica de Maurizio Perugi, 2021); *Os Lusíadas* (ed. crítica da *princeps* de Rita Marnoto, 2022, 2 ts.).

<sup>2</sup> Cf. FS II.4: 118-125.

<sup>3</sup> Cf. Claud., *Œuvres* : 177.

Claudiano, que foi contemporâneo do acontecimento, era – segundo Orósio – um “paganus pervicacissimus”; não admira, portanto, que para lembrar essa intervenção miraculosa o poeta refira Éolo, divindade pagã dos ventos, e não o Deus dos cristãos.

No tratado *De civitate Dei*, composto poucos anos depois, Santo Agostinho fala exatamente do mesmo episódio da forma seguinte:

Milites nobis qui aderant rettulerunt extorta sibi esse de manibus quaecumque iaculabantur, cum a Theodosii partibus in adversarios vehemens ventus iret et non solum quaecumque in eos iaciebantur concitatissime raperet, verum etiam ipsorum tela in eorum corpora retorqueret. Unde et poeta Claudianus, quamvis a Christi nomine alienus, in eius tamen laudibus dixit:

O nimium dilecte Deo, cui militat aether,  
et coniurati veniunt ad classica venti!<sup>4</sup>

Nota-se, de imediato, que na citação de Santo Agostinho os três versos originais de Claudiano ficaram reduzidos a dois, cortados que foram o 2.º e o 3.º hemistíquios que aludiam ao deus pagão: *cui fundit ab antris / Aeolus armatas hiemes*. Essa lacuna poderia ser considerada mecânica, pelo facto de ser favorecida pelo “saut du même au même” entre *cui fundit* e *cui militat*. Com efeito, inúmeras edições do tratado agostiniano reintegram o texto aparentemente omitido na transmissão manuscrita da obra, inclusive a *Patrologia Latina* de Migne (PL 41), publicada em 1845, e reimpressa por Brepols em 1969.

Como observa Mastrandea<sup>5</sup> “nessuno però degli innumerevoli testimoni manoscritti o primitivi incunaboli del *De Civitate Dei* dona il testo in questa forma originale. Nella citazione di Claudiano mancano sempre due versi consecutivi: *cui fundit ab antris / Aeolus armatas hiemes*, così che appare probabile che la riduzione fosse operata già da S. Agostino. Di fatto, la mancanza dei due versi in Agostino è confermata da Paolo Orosio che quasi contemporaneamente scrive:

quamvis ego hoc testimonio non laborem, quando unus ex ipsis, poeta quidem eximius sed paganus pervicacissimus, huiusmodi versibus et Deo et homini testimonium tulit, quibus ait:

---

<sup>4</sup> Cf. *De civitate Dei*, 5, 26 (composto entre 413 e 426).

<sup>5</sup> Mastrandea 2013: 130.

O nimium dilecte Deo! tibi militat aether,  
et coniurati veniunt ad classica venti”<sup>6</sup>.

Os dois hexâmetros de Claudiano ‘cristianizados’ através da variante lacunosa imposta por Santo Agostinho, e confirmada por Orósio, desfrutaram de um sucesso incontestável, vindo a ser readaptados a personagens e acontecimentos diversíssimos. Perde-se, ao longo do caminho, o nome do próprio autor, para deixar correr apenas o par de hexâmetros nos quais o tópos acaba por se cristalizar.

No momento de repropor o modelo latino, conforme a versão voluntariamente encurtada por Santo Agostinho, as questões ideológicas e propagandísticas muitas vezes prevalecem tanto sobre os aspetos meramente literários, quanto sobre o respeito da integridade textual. É o caso da epístola que André de Resende enviou a D. Afonso d’Aviz, filho do Rei D. Manuel, a 22 de dezembro de 1533, na qual os versos de Claudiano sofrem uma correção ainda mais severa:

O nimium dilecte Deo, cui magnus Apollo,  
Et coniuratae veniunt ad vota Camenae.  
Libet enim mihi iisdem prope te versibus compellare, mi princeps, quibus  
ille Theodosium Augustum olim, non maiore fartasse merito, compellarat<sup>7</sup>.

Logo no começo da epístola, os dois hexâmetros livremente adaptados pelo humanista eborense (“iisdem *prope* versibus”) retomam, na primeira metade do século XVI, o mesmo tópos criado por Claudiano onze séculos antes. Contudo, nem um latinista exímio como André de Resende recupera o original latino de três versos, preferindo perpetuar a forma breve que remonta a Santo Agostinho. Isso é tanto mais curioso, na medida em que André de Resende coloca nos versos, de seu próprio cunho, elementos trazidos da mitologia pagã, como Apolo (em lugar de Éolo) e as divas Camenas, alcançando assim o resultado paradoxal de ‘paganizar’ novamente os dois versos em questão.

No tortuoso caminho da citação de Claudiano, uma etapa essencial decorre na segunda metade do século XIV. De facto, nas *Epistolae* de Francesco Petrarca, encontram-se nada menos que três referências ao

---

<sup>6</sup> Cf. Pauli Orosii, *Historiae*, 7, 35.

<sup>7</sup> Cf. Pinho 2002: 291.

episódio do Frígido<sup>8</sup>, em que Teodósio é apresentado como *exemplum* da ajuda divina: mesmo em condições de inferioridade, quem se bate por uma causa justa pode contar com a intervenção de Deus, como aconteceu ao imperador, que afinal obteve uma “mira incredibilisque victoria”.

Hoje em dia, os nossos conhecimentos acerca dos códices de autores clássicos, que pertenciam à biblioteca de Petrarca, aumentaram de forma considerável. O humanista possuía, de certeza, pelo menos um manuscrito das obras de Claudiano (BNF Lat. 8082), em cuja margem, junto aos seis versos do panegírico, no fólio 57r, foi registado um colchete, acompanhado pela nota autógrafa: “Augustinus. De civitate Dei”<sup>9</sup>.

Essa anotação, anterior a 1333, demonstra como Petrarca individuou precocemente no passo de Claudiano a fonte da citação agostiniana, descobrindo e identificando, nesta ocasião, a alteração voluntária que o *Doctor Gratiae* tinha introduzido no original latino. Apesar de Santo Agostinho ser o modelo espiritual de Petrarca, a honestidade intelectual do poeta toscano não lhe permitiu pactuar com a fraude piedosa e, tacitamente, reintegrou no texto os hemistíquios suprimidos por censura religiosa.

Desta feita, as duas passagens das epístolas de Petrarca em que surgem os versos de Claudiano<sup>10</sup> restauram a integridade do texto original, sem qualquer alusão à fonte intermediária que foi Santo Agostinho:

*Familiares* 3.3, 5 Ad Stephanum de Columna iuniorem, uti uictoria nescienti frustra esse quod vicerit:

et vade non tam propriis viribus quam divino fisus auxilio. Ipsa pro te etiam elementa pugnabunt, quae pro Theodosio pugnaverunt, quodque ait Claudianus, tibi mittet ab astris Aeolus armatas hiemes, tibi militabit Aether et coniurati venient ad classica venti; nam et tu quoque cum crucis hostibus, licet Christi nomen usurpantibus, bellum geris<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> Luciani : 1985.

<sup>9</sup> Cf. Luciani 1985: 248.

<sup>10</sup> Na outra ocorrência, *Famil.* 23.1, 9, alude-se ao episódio sem transcrever, contudo, os versos: “O bone Theodosi, qui parva hominum manu sed divino fultus auxilio tibi militantibus elementis et coniurantibus tecum ventis, sagittas barbaricas ex immanibus pharetris adversum nos eductas in ipsas frontes atque exterminium barbarorum miraculose et incredibiliter retorsisti, utinam viveres!” (cf. *Familiares* 1997: t. 4, p. 155)

<sup>11</sup> Cf. *Familiares* 1997: t. 1, p. 111.

*Senile* VII, 1 – F. Petrarca Urbano V Pont. Max. S. ut Romam Ecclesie sedem repetat, hortatur:

[Christus], qui Theodosio, cum paucis contra immensos exercitus barbarorum proelianti, miram incredibilemque victoriam dedit et pro eo fecit elementa pugnare. In quo quidem eleganter conterraneus meus, quamvis Chistum nesciens, Deo tamen veroque testimonium perhibuit his versibus:

Te propter gelidis Aquilo de monte procellis  
 obruit adversas acies revolutaque tela  
 vertit in auctores et turbine repulit hastas.  
 O nimium dilecte deo, cui fundit ab antris  
 Eolus armatas hiemes, cui militat aether  
 et coniurati veniunt ad classica venti.

Et nos dilecti Deo essemus si eum qua tenemur mente diligeremus, nunquam nempe se diligentibus abfuit, ut qui interdum se persequentibus affuit. Et nobis ab antris Cristus, non Eolus, armatas hiemes funderet, nobis aether et auxiliares ad classica venientes militarent venti<sup>12</sup>.

Petrarca começou a estudar as obras de Santo Agostinho a partir de 1325, data em que adquiriu e anotou com glosas marginais o ms. 1490 da Biblioteca Universitária de Pádua. Nos seus escritos, o pensamento agostiniano é uma referência constante ao longo dos anos. O episódio do milagre de Teodósio, já anteriormente relatado por Santo Agostinho, e depois por Paulo Orósio<sup>13</sup>, marcou de tal modo o seu espírito que, como vimos, é referido pelo menos três vezes na sua obra latina. Mas, sendo Petrarca um humanista sensível aos problemas filológicos, não quis subscrever a variante lacunar introduzida por Santo Agostinho, dando preferência à fidelidade com respeito ao texto original de Claudiano.

De facto, é com Petrarca, precursor do Humanismo, que “la filologia rimpiazza la teologia nel ruolo di *ancilla veritatis*, mentre al centro si pone la nuova ‘sacralità’ di una inchiesta puramente e disinteressatamente condotta per giungere al *telos*; donde l’assoluto valore del rispetto verso i

<sup>12</sup> Cf. *Seniles* 2009: 268-271 (§§ 273-277).

<sup>13</sup> Quanto a Orósio, a sua obra era conhecida de Petrarca, que várias vezes remete para os escritos do historiador, mas até hoje não foi descoberto qualquer códice que lhe pudesse pertencer. Cf. Chines 2001; Mastrandea 2013: 252 (e nota 49).

dati oggettivi, del loro sereno accoglimento anche quando confliggano con le nostre opinioni”<sup>14</sup>.

A reconstituição do texto original de Orósio, realizada implicitamente por Petrarca em dois passos da sua obra latina, não chamou a atenção dos autores quinhentistas, como André de Resende ou Luís de Camões, que retomaram a fonte agostiniana sem se aperceberem da intervenção censória com que o teólogo pretendeu evitar a circulação de conteúdos considerados por ele inadequados.

## Bibliografia

- Arnaud-Lindet, M.-P. (éd.): Paul Orose, *Histoires*, 2 vols., Paris: Les Belles Lettres, 1990-1999 [I. VII, vol. 2].
- Chines, L. (2001), “Per Petrarca e Claudiano”, *Quaderni Petrarqueschi* 11: 43-71.
- Claudien, C. (2000), *Œuvres*, II/1, *Poèmes politiques*, 395-398, Charlet, J.-L. (ed.), Paris: Les Belles Lettres.
- Faria e Sousa, M. de (1689), *Rimas Varias de Luis de Camoens principe de los poetas heroycos y lyricos de España* [...], Lisboa, en la Imprenta Craesbeeckiana [reed. fac-similada, nota intr. F. Rebelo Gonçalves, pref. J. de Sena, vol. 2, Lisboa: IN-CM, 1972].
- Luciani, É. (1985), “Théodose, idéal du prince chrétien dans la Correspondance de Pétrarque. Sources augustiniennes”, *Revue des Études Augustiniennes*, 31: 242-257.
- Mastrandea, P. (2013), “Petrarca ‘umanista’ fra Claudiano e Agostino (fra Etica e Filologia)”, *Quaderni Veneti*, 2: 129-146.
- Petrarca, F. (1997), *Le Familiari*. [Testo latino: *Familiarium rerum libri*.]. Edizione critica per cura di Vittorio Rossi, 4 vol., Firenze: Sansoni, 1933-1942 (reimpr. Firenze: Le Lettere).
- Petrarca, F. (2009), *Res seniles. Libri 5-8*, a cura di Silvia Rizzo, Firenze: Le Lettere.
- Pinho, S. Tavares de (2002), “André de Resende e o Cardeal-Infante D. Afonso: quatro cartas inéditas da sua correspondência latina”, *Humanitas*, 44: 289-317.

---

<sup>14</sup>Mastrandea 2013: 144.

